

viva

LITERATURA

**Milagre**

"Um dos parentes que levavam o caixão tropeçou e fez com que os demais perdessem o equilíbrio. O caixão caiu no chão, a tampa se abriu e — para surpresa geral e grande susto — a morta acordou e saiu do caixão."

A vingança

"Depois de muito tempo, Teco conseguiu falar com a mãe.

A rádio Guarani foi avisada para não repetir mais o anúncio fúnebre, mas a notícia já havia se espalhado... Telefone, campainha... e ele não podia nem atender. Morto não fala!"



INCOMUNS

Jornalista que não gosta de ir a enterros homenageia mortos com livro que reúne histórias divertidas sobre o momento da passagem da vida para a morte

Mariana Zylberkan
marianapz@diariosp.com.br

Ao revirar seu passado, não necessariamente morto, mas esquecido no fundo de um armário, o jornalista Mário Marinho teve a ideia de escrever um livro em que reúne causos e histórias engraçadas sobre funerais. A inspiração para "Velórios Inusitados" apareceu depois de reler uma das primeiras reportagens de sua carreira, publicada em 1966, no "Diário da

Tarde", em Belo Horizonte.

Na época, o então repórter iniciante foi designado a cobrir um fato curioso na cidade: o jornal e a rádio local haviam anunciado a morte de um homem que, na realidade, estava vivo. "A reportagem gerou um interesse muito grande e foi a minha estreia no jornalismo."

Ao relembrar o trabalho, Mário conta que começou a pensar como seria interessante publicar histórias parecidas. "Eu nem gosto muito de velório. Prefiro as pessoas vivas."

Mesmo assim, o jornalista



O celular

"Momentos antes de descer o corpo na sepultura, um celular, no bolso do falecido, começa a tocar. A viúva atende e logo despacha a mulher do outro lado da linha que era, na verdade, a amante do marido morto."

Pelo sino

"Surgiu a ideia de, ao se fechar o caixão, amarrar uma tira no pulso do defunto, passá-la por um buraco feito no caixão e amarrá-la a um sino... Caso o indivíduo acordasse, o movimento do braço faria o sino tocar. Ele seria salvo pelo sino."

venceu o tabu e começou a reunir histórias verdadeiras, causos populares e contos ficcionais em torno do tema. "A minha preocupação só foi respeitar a morte, levar em consideração a dor que as pessoas sentem neste momento, e não me basear no humor negro."

DESPEDIDA CARA/ Entre uma história e outra, o jornalista insere alguns fatos interessantes a respeito do momento da morte. Ele cita, por exemplo, uma reportagem publicada num jornal chinês que relata a fortuna gasta por um homem para poder enterrar seu cachorro. Ele teria gastado o equivalente a R\$ 30 mil para atender a todas as exigências do cemitério e se despedir do bicho de estimação como queria.

Outra passagem interessante foi extraída do livro escrito por uma americana em que ela ci-

tava os velórios como uma boa opção para paquerar e encontrar um pretendente. "Ela explicava que os homens ficam mais sensíveis nessas situações, por isso é mais fácil se aproximar", conta.

Ao contrário do que imaginava, o bom humor em torno da morte se mostrou mais comum do que o jornalista previa. "Desde que publiquei o livro, recebo emails e telefonemas de pessoas que têm histórias inusitadas sobre o assunto."

Por isso, Mário planeja publicar um livro com novos contos em breve. "Uma das contribuições mais interessantes contava a história de um morto que queria ser enterrado com o celular no bolso. Durante o enterro, o aparelho tocou e foi atendido pela viúva. Diante de todos, ela xingou a mulher do outro lado da linha. Era a amante do marido", conta.



Dedicação ao jornalismo esportivo

O autor Mário Marinho dedicou sua vida ao jornalismo esportivo. A facilidade com a escrita e sua ascendência mineira, porém, o levaram a se dedicar à literatura de ficção. "O mineiro é muito voltado para si mesmo, talvez por viver num lugar cercado por montanhas, por isso, para mim, sempre foi fácil escrever."

Prefácio discute sobre a graça da morbidez

O jornalista Roberto Avallone assina o prefácio de "Velórios Inusitados", em que levanta uma discussão bem humorada em torno de se fazer graça sobre um assunto considerado mórbido. Os exemplares são vendidos no site da Sá Editora (www.saeditora.com.br) e custam R\$ 33 cada um.

15
Causos chegaram ao autor em três meses

